

# Amazônia vai se mostrar ao empresariado

*A idéia é conscientizar o setor sobre a importância da preservação da área*

HERTON ESCOBAR

**S**e o empresariado não vai à Amazônia, a Amazônia virá ao empresariado. E com ela todas as suas culturas, belezas, sabores, dificuldades e oportunidades. Essa é a idéia por trás de uma iniciativa de conscientização sobre a realidade amazônica, apresentada ontem para um grupo de empresários convidados no Sesc Pompéia, em São Paulo.

O projeto, chamado Amazônia.br 2002, tem como base uma série de programas multiculturais e a criação do Fórum de Apoio à Amazônia, um grupo de empresários, artistas, cientistas e educadores dedicado a promover o desenvolvimento sustentável na floresta. "Queremos que os empresários conheçam a Amazônia, saibam o que está acontecendo por lá", disse o médico e ambientalista Eugênio Scannavino Netto, que coordena o projeto. "Tem muita gente por aqui que quer ajudar mas não sabe como."

A estratégia, segundo Netto, é oferecer uma visão realista da Amazônia e, com isso, sensibilizar o público sobre a importância de preservar a região. "Vamos fazer uma espécie de colonização inversa e trazer um pouco da floresta para São Paulo", afirmou Netto, que há 18

**S**ESC  
**POMPÉIA VAI  
 VIRAR UMA  
 SELVA**

anos trabalha com comunidades extrativistas na Amazônia. Entre abril e maio do ano que vem, todo o espaço do Sesc Pompéia será transformado em uma verdadeira selva amazônica, com exposições e workshops para discutir o uso



Amazônia: Fórum quer trazer para os paulistas conhecimentos sobre a região

inteligente da floresta. A agenda inclui ainda apresentações teatrais, mostras de literatura, shows de música e até um desfile de moda, tudo protagonizado pelas comunidades nativas da Amazônia.

Para o diretor do Programa Amazônia da organização Amigos da Terra, Roberto Smeraldi, o evento servirá para destruir mitos sobre a região, como o de que floresta só serve para tirar madeira e que conservar as matas emperra o desenvolvi-

mento. "O grande problema é que São Paulo, para não dizer Brasília, ainda não percebeu a realidade do que ocorre na Amazônia."

O evento de ontem serviu para apresentar o projeto ao empresariado e recrutar partici-

pantes para o Fórum de Apoio à Amazônia. Estavam presentes representantes de mais de 40 empresas, algumas grandes como Ambev, Sadia e Natura. "O interesse em defender a Amazônia é maior do que se imagina", disse o diretor-geral da Companhia Suzano de Papel, Boris Tabacof. Segundo ele, já é hora de empresários e ambientalistas jogarem no mesmo time. "As questões da Amazônia abrangem um espectro muito amplo e requerem alianças muito maiores."

Razões para investir na região amazônica não faltam, afirma Netto. Ele cita uma pesquisa que apontou a floresta como uma das três "marcas" mais reconhecidas do mundo. "A Amazônia é uma causa que sensibiliza boa parte do público consumidor", diz o ambientalista. "O empresário que se associar a essa marca vai estar automaticamente se beneficiando."

Robson Fernandes/AE

L.C. Leite/AE



David Yanomâmi: "A terra está pedindo socorro"

## Fórum quer fortalecer projetos já existentes na região

Mais do que incentivar novos empreendimentos, o novo Fórum de Apoio à Amazônia vai trabalhar para divulgar e fortalecer os projetos já existentes de extrativismo sustentável pelas populações nativas da floresta. Projetos que aproveitam recursos naturais como a borracha, a castanha, o pescado, o babaçu e o açaí, que não requerem o corte raso de árvores.

"Dentro da floresta podemos produzir muitas coisas sem destruir nada", diz Raimunda Gomes da Silva, 61 anos, quebradora de coco do Tocantins e diretora da Secretaria da Mulher e Trabalhadoras Rurais e Extrativistas do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). A maior parte das iniciativas, no entanto, fi-

cam restritas às suas próprias comunidades, pelo isolamento e falta de investimento externo. "Estamos produzindo, mas ninguém sabe disso", afirma a seringueira Maria Araújo de Aquino, que integra a diretoria nacional do Grupo de Trabalho da Amazônia (GTA), uma rede de 450 ONGs. "Precisamos muito da colaboração dos empresários e do setor produtivo para ganhar espaço no mercado."

O líder indígena David Yanomâmi fez um apelo pela preservação da floresta da qual seu povo depende para sobreviver. "Não adianta falar bonito, tem de falar verdade para salvar a Amazônia", disse. "A terra pede socorro, mas o povo da cidade não escuta; só quer ganhar mais dinheiro." (H.E.)